



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **ENTRE O PROFANO E O SAGRADO: PRÁTICAS RELIGIOSAS QUE SACRALIZAM O BUMBA-MEU-BOI**

Por: Heridan de Jesus Guterres Pavão Ferreira  
Universidade Federal do Maranhão/UFMA  
hguterres@hotmail.com

### **Resumo**

O Bumba-meu-boi, manifestação da cultura popular considerada profana no âmbito da religiosidade cristã, busca elementos que a sacralizem, purificando-a sob diversos aspectos. Propõe-se neste artigo discutir-se o bumba-meu-boi no contexto da religiosidade cristã e afro brasileira, verificando-se que elementos são utilizados no sentido de buscar sua sacralização, a partir do ritual de batismo.

Palavras-Chave: Bumba-meu-boi. Religiosidade. Cultura Popular.

### **Abstract**

The Bumba-meu-boi is a manifestation of popular culture considered profane in the context of Christian devotion. It seeks for some aspects that can be sanctify its ritual in several respects. It is proposed in this paper to discuss the bumba-meu-boi in the context of Christian and african Brazilian devotion, checking the elements used in order to pursue his consecration, from the ritual of baptism.

Keywords: Bumba-meu-boi. Religiosity. Popular Culture.

## **1 INTRODUÇÃO**

No estado do Maranhão o bumba-meu-boi é mais que um folguedo popular que faz parte da vida das pessoas em períodos pontuais do ano como nos festejos juninos. No estado onde a magia dos tambores mescla ritos e festas, brinca-se boi praticamente o ano inteiro, dando-se uma pequena pausa somente por ocasião da quaresma, quando acontece o período da “paixão de Cristo”.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Mesmo que o bumba-meu-boi esteja relacionado à música e à dança, chama-se a atenção para o fato que no estado não se dança, mas se brinca boi, sendo que este brincar é uma atividade considerada seriamente por aqueles que a praticam e que a colocam no patamar da devoção.

Trata-se, portanto, neste artigo sobre os ritos que sacralizam o bumba-meu-boi, que é considerado por muitos, como atividade profana, destacando-se os símbolos inerentes a seu ritual de batismo.

Para tanto, aborda-se a brincadeira em seus aspectos gerais, falando-se a respeito de suas origens, sotaques, costumes e crenças, para em seguida, tratar-se dos rituais que o sacralizam.

Para tanto, empregou-se o método analítico descritivo, tecendo-se por meio de uma observação direta, uma análise a partir de um olhar que se insere no contexto da brincadeira, pois, participamos e vivenciamos a festa do boi, seja como moradora de uma comunidade onde se insere uma das brincadeiras mais tradicionais - o Bumba-meu-boi da Fé em Deus, seja como brincante, em razão de ser uma das vaqueiras no boi do mesmo nome.

Respaldamo-nos para tanto, em estudos bibliográficos, a fim de compararmos as impressões por nós obtidas com olhares de teóricos e estudiosos da religião e da cultura popular.

## **2 AS VÁRIAS NOMENCLATURAS DO BUMBA-MEU-BOI**

O bumba-meu-boi é reconhecido como uma das mais ricas manifestações da cultura popular brasileira, ainda que tenha origem nas tradições cultural ibérica e européia, tendo sido chamado por Mário de Andrade (1982) de “bicho nacional por excelência”

Nesse contexto, o bumba-meu-boi é resultante da influência européia, africana e indígena, tem por base a batida do tambor, conforme discorre Lima (1996, p. 6)

Índios, brancos e negros conheceram o tambor sob as mais variadas formas e tamanhos, visto como dele se serviam, diuturnamente, para marcar o ritmo



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

das caminhadas na selva, estimular os guerreiros ao combate, promover as danças e como meio de comunicação; nas aldeias portuguesas, para acompanhar as festas religiosas.

Verifica-se desse modo, a forte ligação entre o toque do tambor e a brincadeira do bumba-meu-boi em seus diferentes sotaques. Souza (1587) citado por Lima (1996, p.5) discorre que Debret já discorria acerca da presença do tambor na tribos tupinambás, afirmando ter observado

[...] uma dança dos índios, onde o zabumba é representado por uma carapaça de tartaruga, na qual batem com uma vareta. "Param, por intervalo, a fim de sorver um trago... tomam assim novas forças e continuam seus exercícios, que se prolongam noite a fora."

A influência portuguesa e africana também é atestada por Souza, idem (1986, p. 6) em

O português conhecia o instrumento, não só pela via romana, que povoou a Lusitânia, como através da ocupação moura, durante oito séculos. Os africanos possuíam o tambor de vários estilos e trouxeram seus tantãs, adufes e pandeiros, deles fazendo largo uso em suas festas religiosas e profanas, tanto que até deram nome a algumas, como Tambor-de-Mina e Tambor-de-Crioula.

É notória, pois, a influência do branco europeu, do índio e do africano na musicalidade brasileira, sob variados aspectos, especialmente aqueles relacionados à cultura popular, como por exemplo, o bumba-meu-boi.

No que diz respeito às nomenclaturas com que se denominam a brincadeira do boi, esta vem sofrendo mudanças que variam de região para região, recebendo inúmeras denominações.

Em Santa Catarina, assim como no Paraná recebe o nome de boi-de-mamão ou boi-de-mourão. Em Minas Gerais, Rio de Janeiro, Cabo Frio e Macaé, a manifestação é conhecida como bumba ou folguedo-do-boi, enquanto que no Espírito Santo é boi-de-reis. No Rio Grande do Sul é chamado de bumba, bozinho ou boi-mamão. (MARQUES, 1999).

Em São Paulo é denominado dança-do-boi ou boi-de-jacá. No estado de Pernambuco é conhecido como boi-calemba ou bumbá, enquanto que nos estados do Amazonas e Pará recebe o nome de boi-bumbá. A Bahia o conhece como boi-janeiro e



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

boi-estrela-do-mar e no Ceará é conhecido como boi-de-reis, boi-surubim ou boi-zumbi, sendo bastante praticado e apreciado no norte e nordeste

O termo empregado neste artigo será bumba-meu-boi, como o mesmo é reconhecido no Rio Grande do Norte, Alagoas, Piauí e Maranhão (MARQUES, 1999). Nosso olhar se dará a partir das práticas estabelecidas no estado do Maranhão, onde a brincadeira é forte presença entre as manifestações culturais; é um acontecimento que se estende por quase todo o ano e envolve centenas de pessoas.

Bastante apreciado em todas as camadas da sociedade maranhense o bumba-meu-boi integra o calendário das festas populares, sendo reconhecido em níveis nacionais. Recebe apoio oficial das secretarias estadual e municipal de cultura.

Ressalta-se, no entanto, que nem sempre o bumba-meu-boi foi tão aceito pela sociedade maranhense, se popularizando primeiramente entre as camadas menos favorecidas, representadas por moradores do interior do Estado e também por negros e mestiços, sendo veemente criticado pelas elites. Foi inclusive proibido na cidade de São Luís, entre 1861 e 1868, em razão do conteúdo satírico presentes em suas toadas ou na encenação de seu auto.

O Sr. Apolônio Melônio, dono do “Boi da Floresta” conta que quando chegou a São Luís, em 1939 ainda havia muito preconceito em relação à brincadeira, que era associada à macumba, gerando muita confusão e perseguições. Segundo o mesmo, os grupos mais fortes eram o Boi de Laurentino e o Boi de S. Misico, cujos batalhões<sup>1</sup> faziam juntar bastantes pessoas, que segundo ele, “parecia uma procissão”, principalmente no Boi de S. Misico. No sentido, pois, de associar o bumba-meu-boi ao aspecto religioso, Sanches (2003, p. 12) afirma que

[...] concebido, dançado e cantado em homenagem a santos católicos, mas, também, às entidades espirituais cultuadas nos terreiros de tambor de mina, umbanda, pajelença, entre outros. Portanto, pode ser entendido como um sistema de dádivas entre os homens e as divindades.

Assim sendo, observa-se que enquanto manifestação cultural, o bumba-meu-boi chega quase a se confundir com religião, pois, está relacionado a santos e entidades religiosas, tais como S. João, S. Pedro e S. Marçal, santos católicos ou mesmo

---

<sup>1</sup> Batalhão é a denominação usada no Maranhão para definir um grupo de bumba-meu-boi.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

a encantados, entre eles, aquele conhecido como “Seu Léguas”, presente em rituais de pajelança<sup>2</sup>.

Somente a partir da década de 1970, o bumba-meu-boi se popularizou na sociedade maranhense, difundindo-se. No Maranhão se distingue e caracteriza através dos variados sotaques, que segundo Marques (1999, p. 80) possuem a mesma caracterização histórica que deu origem ao folguedo, sendo que em terras maranhenses diversificou-se em estilo e sotaques, concebendo assim, um “conteúdo ritualístico próprio”.

### **3 O BUMBA-MEU-BOI E SEUS DIFERENTES SOTAQUES**

Quanto aos sotaques, o bumba-meu-boi se subdivide em variados sotaques, onde se destacam cinco deles. De acordo com Azevedo Neto (1983) apud Viana (2006, p.41) o sotaque diz respeito ao estilo individual com que cada grupo se apresenta.

Os sotaques são definidos pelos ritmos e cada um deles possui características peculiares e um contingente de admiradores que os seguem. O Sotaque de Zabumba é reconhecido como um dos mais originais e com raízes marcadamente africanas. Lima (1996, p. 6) afirma em relação ao boi de zabumba que

Para nós a "criação" do Boi corresponde aos arranjos de uma rica variedade de manifestações regilioso-folclóricas ligadas a um substrato do inconsciente coletivo. "Autos de neo-formação brasileira existem, onde se acham amalgamados, numa mistura quase irreconhecível, os folclores negros (de procedência africana e brasileira), ameríndio e europeu." Artur Ramos, "O Folclore Negro no Brasil".

O tambor é, pois, inquestionavelmente, muito anterior a tal manifestação folclórica como o Bumba-meu-boi. Daí sermos levados a concluir que o Boi-de Zabumba é o mais antigo e, por conseguinte, o mais autêntico, até porque, nas mais velhas referências, a brincadeira é descrita como divertimento de negros.

Reconhecido por sua autenticidade o sotaque de zabumba também é reconhecido como “Sotaque de Guimarães” por ser originado na região da Baixada Ocidental do Maranhão, de modo mais específico no município de Guimarães, O nome que dá origem ao sotaque é oriundo de um dos instrumentos musicais tocados na

---

<sup>2</sup> A pajelança diz respeito ao ritual religioso de pajé, ao toque, quando as entidades descem para incorporar nos filhos e filhas de santo.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

brincadeira, a zabumba, espécie de tambor grande, tocado por pedaços de madeira (baqueta ou vaqueta).

Além das zabumbas, tocam-se no sotaque de zabumba, uma espécie de tamborim, denominado ‘pandeirito’ ou ‘pandeirinho’. Segundo Carvalho (1996, p. 268) no sotaque de zabumba “a presença africana é mais incisiva, cuja percussão rústica produz um ritmo mais lento, socado, que lembra a melancolia do banzo ou da tristeza das senzalas”. Apesar de suas raízes, o ritmo não está entre os mais apreciados, especialmente pelos mais jovens, verificando-se que muitos grupos do sotaque, foram desaparecendo ao longo das décadas.

O Sotaque de Matraca, também conhecido como “Sotaque da Ilha” é oriundo da Ilha de São Luís e se caracteriza pelos instrumentos nele tocados, as matracas, que são confeccionadas em madeira, cujo som estridente vem da batida de uma matraca contra a outra. Também são tocados no sotaque de matraca, grandes tambores, feitos em arcos de madeira, com espessura de aproximadamente 10 cm de altura e com um metro de diâmetro, coberto com pele de animal, denominados “pandeirões”.

O “Sotaque da Baixada”, também é conhecido como “Sotaque de Pindaré”, em referência à região de onde o mesmo se origina, o Vale do Rio Pindaré-Mirim. A batida, nesse sotaque é mais cadenciada. Os instrumentos musicais utilizados no sotaque da baixada são as matracas e pandeiros, menores dos que os tocados no boi de matraca. Sua indumentária é bastante distinta, pois são usados grandes chapéus com penas de ema e fitas coloridas, além de trazer entre seus personagens, a figura do cazumbá<sup>3</sup>.

O “Boi de orquestra” se caracteriza pela utilização de instrumentos de sopro ou metais, além de instrumentos de corda (banjo), os quais, em um andamento musical mais rápido, possibilitam o uso de coreografias, sendo um dos sotaques que mais agregam grupos em quantitativo, principalmente na capital, São Luís. Vem sofrendo significativas mudanças ao longo dos anos, perdendo em muito sua originalidade.

---

<sup>3</sup> Personagem do sotaque da baixada. Caracteriza-se pelo uso de uma grande máscara feita geralmente de papel mache e uma espécie de adorno, colocado nos quadris, sob as vestes (espécie de bata comprida) que faz com que a figura tenha um movimento bastante peculiar ao fazer suas evoluções durante as apresentações no boi.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

O “Sotaque Costa de Mão”, oriundo da região de Cururupu foi assim denominado em razão do uso de pequenos pandeiros tocados com as costas das mãos. Tal qual o sotaque de zabumba, é também reconhecido como “Sotaque de Cururupu”, recebendo o nome do município onde surgiu. Caixas e maracás compõem seu conjunto percussivo.

Ressalta-se que todos os sotaques do bumba-meu-boi possuem admiradores, os quais são conhecidos como “mutucas” (sotaque da Ilha e sotaque da Baixada) ou torcedores (sotaque de zabumba), sendo que em relação a gênero, o sotaque de zabumba é bastante forte, pois o grupo das torcedoras aumenta a cada ano e é formado por um grupo de mulheres que exercem forte liderança dentro dos grupos. Alguns grupos, como por exemplo o Bumba-meu-boi da Fé em Deus já possuem dentro de seu conjunto o “boi das torcedoras<sup>4</sup>”.

O enredo da brincadeira, como é costumeiramente chamada por seus praticantes, gira em torno de uma mulher grávida (Catirina) desejosa por comer a língua do boi mais bonito da fazenda e que tudo faz até conseguir seu intento, ajudada pelo marido, o negro Chico ou Pai Francisco.

Depois de saciado o desejo de Catirina, o amo da fazenda descobre o crime e passa a ameaçar pai Francisco, caso o boi não volte à vida. É então chamado o pajé e sua tribo para executarem o ritual de pajelança, fazendo com que o boi renasça. O êxito do ritual é celebrado com uma grandiosa festa, onde participam todos do grupo.

O bumba-meu-boi entremeia a dança, o teatro e a música, em uma fusão de linguagens artísticas que envolvem e embalam as pessoas durante praticamente todo o ano, mas principalmente durante os festejos juninos.

#### **4 BUMBA-MEU-BOI E RELIGIOSIDADE**

O Brasil é o país da diversidade religiosa, manifestada a partir da contribuição dos vários povos que participaram de sua construção, entre eles, portugueses, indígenas e africanos.

---

<sup>4</sup> As torcedoras são mães ou mulheres dos brincantes, que seguem o boi nas apresentações. Muitas delas acabam por, posteriormente, compor o batalhão.



O catolicismo é a religião mais praticada no Brasil e constitui-se um legado dos portugueses que por aqui chegaram no século XVI, legado este que impingiu uma supremacia da religião mais praticada no país, o cristianismo.

No entanto, o catolicismo teve que conviver com outras religiões, tais quais os ritos praticados pelos índios, assim como as religiões praticadas pelos negros africanos que mais tarde chegaram ao país na condição de escravizados.

Os escravos possuíam suas próprias danças, cantos, santos e festas religiosas. Aos poucos, foram misturando os ritos católicos presentes com os elementos dos cultos africanos, na tentativa de resgatar a atmosfera mística da pátria distante.

Tal convívio deu origem a um sincretismo religioso que permeia principalmente, as denominadas religiões afro brasileiras, entre elas, o Tambor de Mina<sup>5</sup>, observando-se no interior das relações entre diferentes religiões relações que ao mesmo tempo são antagônicas e afins.

No que diz respeito à relação entre as manifestações da cultura popular e a religiosidade, percebe-se uma espécie de necessidade de pedir-se licença, buscando na religião as bênçãos para as brincadeiras se apresentarem.

Em relação ao bumba-meu-boi, ainda que seja por muitos considerada uma brincadeira profana, em razão de ter como figura central um animal (boi), fazendo com que muitos busquem no livro sagrado dos cristãos referenciais contundentes para rechaçá-lo, o bumba-meu-boi possui um grande viés com a religiosidade, ao que Lima (1996, p. 2) comenta que “a "criação" do Boi corresponde aos arranjos de uma rica variedade de manifestações religioso-folclóricas ligadas a um substrato do inconsciente coletivo”. Viana (ano, p. 31) destaca a ligação do boi com os ritos religiosos, os quais lhe conferem, na qualidade de vítima ou sacrificado, um caráter sagrado.

O boi reúne elementos que conduzem a um sincretismo religioso bastante contundente e para Ferretti (1997, p. 3)

O sincretismo pode ser visto como característica do fenômeno religioso. Isto não implica em desmerecer nenhuma religião, mas em constatar que,

---

<sup>5</sup> O Tambor de Mina é a denominação usada para definir os cultos afro brasileiros, principalmente na Amazônia e no estado do Maranhão.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

como os demais elementos de uma cultura, a religião constitui uma síntese integradora englobando conteúdos de diversas origens. Tal fato não diminui mas engrandece o domínio da religião, como ponto de encontro e de convergência entre tradições distintas.

Nesse sentido o sincretismo religioso pode ser considerado positivo, uma espécie de celebração entre diferentes religiões, que no caso em tela são: o catolicismo e o Tambor de Mina, considerando-se assim, que a identidade brasileira possui um grande viés com o sincretismo, pois, como enfatiza Sanches (2003, p.12)

[...] os aspectos religiosos presentes no bumba-boi não se restringem apenas a sua relação com o catolicismo, imbricam símbolos, mitos e ritos de várias crenças e origens.

O catolicismo ali entrelaça-se à “encantaria” dos terreiros afro-maranhenses onde se cultuam orixás e voduns jêje/nagô, “nobres, gentis”, entidades brasileiras como caboclos, índios e seres da mitologia indígena como mãe d’água, curupira e uma infinidade de outros.

Observa-se assim, que há uma naturalização do sincretismo que se materializa no bumba-meu-boi, pois as diferentes religiões convivem de forma harmônica, sem grandes antagonismos, especialmente entre a Mina e o catolicismo.

No que concerne ao seu fazer, propriamente dito, o sincretismo é inerente ao antagonismo humano, ao mesmo tempo em que enriquece coletivamente a religião, haja vista não ser individualizado. Faz parte das relações que as pessoas buscam para estabelecerem símbolos e ao mesmo tempo, também faz parte das relações hierárquicas desenvolvidas no âmbito de tais relações. (CARVALHO, 2006, p. 59).

Ferretti (1997, p.9) afirma que

[...] o sincretismo, elemento essencial de todas as formas de religião, está muito presente na religiosidade popular, nas procissões, nas comemorações dos santos, nas diversas formas de pagamento de promessas, nas festas populares em geral. Constatamos que o sincretismo constitui uma das características centrais das festas religiosas populares.

O sincretismo é então inerente à religiosidade popular, buscando estabelecer um viés entre o profano e sagrado, o que ocorre claramente no ritual do bumba-meu-boi. Observa-se isto na abertura de suas atividades, ou seja, o primeiro ensaio geralmente acontece no sábado de aleluia, logo após a quaresma cristã, verificando-se um respeito aos preceitos do cristianismo.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Chevalier (1982) apud Viana (2006, p.67) afirma que existe uma necessidade de que não sejam separados os símbolos de seu acompanhamento existencial, pois o que para alguns é considerado profano, para outros é sagrado.

Ratifica-se desse modo, que falar em religiosidade em uma perspectiva que a coloque enquanto elemento intrínseco à cultura popular é importante para que se penetre no universo de sacralização do profano, pois, a brincadeira do boi geralmente se inicia a partir de uma promessa feita a um santo, especialmente São João Batista, São Pedro ou até mesmo a um encantado (mesmo que nem sempre isto seja de conhecimento público, à exceção dos terreiros), o que talvez justifique tanta devoção a um determinado folguedo.

Existem, portanto, grupos de bumba-meu-boi reconhecidos como “boi de promessa”, como é o caso do Boi da Fé em Deus, sotaque de zabumba, também conhecido como Boi de Laurentino e Boi de Terezinha Jansen, que surgiu de uma promessa feita a São João, por Laurentino Araújo. Após ter sido curado de uma enfermidade, S. Lola, como o mesmo era conhecido, reuniu, na década de 1930, um grupo de pessoas, a maioria estivadores e trabalhadores braçais, que com ele compunham um time de baralho e foram pagar a promessa feita a São João.

O Boi de Laurentino, que é um dos mais antigos grupos de bumba-meu-boi na Ilha de São Luís, conforme afirma Lima (1996, p. 6) ao discorrer que “os Bois-de-Zabumba mais antigos de São Luís, os de Seu Misico, na Vila Passos, os de Análio e Laurentino, no bairro da Fé-em-Deus”, tendo este último ficado ainda mais conhecido quando seu dono inovou, aplicando miçangas e canutilhos ao couro do boi, dando origem ao dito popular “está mais enfeitado do que o boi de Laurentino” e influenciando outros grupos a fazerem o mesmo, sendo responsável pelo brilho com que se apresentam os bois da atualidade.

Após a morte de Laurentino, D. Terezinha Jansen continuou a cumprir com a promessa de S. Lola, botando o boi pra brincar somente após seu batizado, que geralmente acontece na véspera de S. João. D. Terezinha Jansen foi uma grande liderança que atuou por mais de 38 anos na frente do grupo, sendo importante figura na perpetuação do Boi da Fé em Deus.



Mesmo após o falecimento de D. Terezinha Jansen, alguns costumes ainda são seguidos à risca e segundo S. Zezinho, um dos cabeceiras<sup>6</sup> do boi, o mesmo não brinca antes do ritual de batismo, por dinheiro nenhum: “Perca-se um milhão, mas não se perde a tradição”.

Outros grupos de bumba-meu-boi também surgiram a partir de promessas, ressaltando-se, porém, que nem sempre é preciso pagar uma promessa, botando um boi. Algumas pessoas, tendo a graça alcançada, geralmente vão brincar boi ou colocam um filho ou parente para fazê-lo. Outras criam grupos de bumba-meu-boi apenas

De acordo com João Pinto (boi de Santa Helena) só se bota boi, se a promessa for feita dessa forma: “Se a pessoa faz a promessa pra botar boi, tem que botar. Pode ser também pra sair durante um tempo na brincadeira do boi”. Outro exemplo de demonstração explícita da fé é observado no interior do Maranhão, ou ainda que raramente em São Luís, quando pessoas brincam o boi, carregando nos braços a imagem de São João Batista. Muitos brincantes, principalmente nos bois mais tradicionais, bordam imagens de santos católicos em suas golas<sup>7</sup>.

Não se sabe ao certo como, mas muitas brincadeiras de bumba-meu-boi (até mesmo aquelas que não possuem um viés tão forte com a religiosidade) só começam a sair após a cerimônia de batismo, que geralmente ocorre entre 13 (dia de Santo Antonio) e 23 de junho (véspera de São João), como se a brincadeira tivesse que ‘pedir licença’ ou ser abençoada pelos santos para poder se apresentar nos arraiais, em um claro viés com a religião, especialmente a católica.

Alguns batismos ocorrem inclusive no interior de igrejas católicas, mas a maioria das brincadeiras realiza esse ritual no interior de suas comunidades, ou seja, nos barracões e vilas onde mora cada boi.

A brincadeira do bumba-meu-boi é um acontecimento de grande importância para as comunidades, sendo montado um altar todo enfeitado, com a

---

<sup>6</sup> No Boi de zabumba é bastante comum o termo cabeceira, para designar aquele que comanda; está à frente no boi. O cabeceira é responsável também, por compor e cantar as toadas do boi.

<sup>7</sup> Gola é o nome dado a uma espécie de túnica usada no Bumba-meu-boi de zabumba. Adornada com miçangas e paetês, muitas delas chegam a pesar até 5kg.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

imagem dos santos, especialmente aqueles reverenciados no mês de junho, que de acordo com a crença dos participantes da brincadeira, protegem e abençoam o boi.

Estudiosos do fenômeno religioso no contexto de uma brincadeira denominada profana buscam no âmbito histórico a explicação para essa busca pela sacralização dos rituais de batizado do boi, comentando que no caso brasileiro, a religiosidade popular, sempre foi vista de forma preconceituosa e enquanto prática inadequada que fugia ao modelo imposto pela classe dominante, que seguiu o padrão de nobreza imposto pelo colonizador.

Comentam ainda, que o fato desta religiosidade popular se manter e, de certa forma, subsistir através dos tempos, indica a força da cultura das massas, que mesmo subjugada através de distintos mecanismos de opressão conseguiu se impor e ter seu espaço praticamente ao lado da religião oficial, sobrevivendo assim, às intempéries que por ela se abateram ao longo dos anos, ratificando-se o preconceito e perseguição sofridos pela brincadeira do bumba-meu-boi.

Assim sendo, ao colocar a necessidade de batizar o boi antes que ele comece a brincar, apresentando-se nos araias e terreiros é atribuir à brincadeira características inerentes à religião aceita socialmente. De acordo com Carvalho (1995) citado por Ferreira e Silva (2008, p.6) existe arraigado na comunidade um forte sentimento de obrigação e religiosidade em relação ao batismo do boi. Alguns acreditam, inclusive, que se o ritual não acontecer a brincadeira não será abençoada, atraindo para a mesma infortúnios.

Ferreira e Silva (2008, p.5) comentam que

[...] neste ritual o boi pode ser comparado ao Exu, entidade das religiões afro-brasileiras, pois é ele também quem faz a mediação entre os orixás e os homens, muitas vezes por meio de oferendas. É aquele que abre os caminhos para que os rituais religiosos aconteçam em harmonia nos terreiros, e também para que a vida transcorra sem transtornos no cotidiano dos humanos. Tornam-se, portanto, aliados e cúmplices das negociações em busca da harmonia e do enfrentamento dos infortúnios, além de compartilhar das angústias e alegrias do cotidiano.

Nessa perspectiva se observa que o ritual de batismo do boi é um rito de passagem, fundamental para que o ciclo se renove, finalizando-se meses mais tarde com o ritual de morte do boi.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Convém citar-se ainda que tal qual em um batismo cristão, especialmente o católico, doces, bolos e outras iguarias são preparadas para a festa, sendo servidos ao término da cerimônia. O altar onde é realizada a cerimônia também merece especial atenção, sendo caprichosamente preparado, tendo São João como imagem central. Ferreira e Silva (2008, p. 5-6) comentam a respeito da atração que as pessoas possuem pelo ritual de batismo do boi, afirmando que:

O boi se torna o “guardião” da harmonia e dançar com ele, acompanhar o seu cortejo ou tocá-lo é para alguns uma situação que ultrapassa o simples ato do lazer que a “brincadeira” proporciona. Simboliza tanto a fartura, que outrora fazia parte da vida da comunidade, quanto a esperança por condições melhores. Por isso, muitas pessoas se aglomeram em torno dele no dia do batizado, pois tocá-lo significa “purificar-se”, “limpar o corpo” das impurezas terrenas, renascer para uma nova vida.

Assim sendo, no rito de batismo do boi são colocados no altar, um copo virgem com água e sal e um ramo de vassourinha. São também, convidados um casal de pessoas, para padrinhos do boi. Os padrinhos geralmente são pessoas respeitadas na comunidade ou que possuem uma influência social e até mesmo financeira, pois, mais adiante, no ritual de morte do boi, estes geralmente ajudam nas despesas de bebida e comida para os convidados.

A cerimônia se inicia tendo à frente o amo ou cabeceira da brincadeira, os padrinhos e o vaqueiro. O boi permanece em frente ao altar, todo coberto pela barra ou saia<sup>8</sup>, que permanece virada, escondendo inicialmente da platéia, a beleza do bordado do couro, que a cada ano vem com um tema.

O batizado do boi geralmente é iniciado por uma salva de fogos de artifícios, que marca o início da cerimônia, que costumeiramente ocorre em junho, quase sempre no dia 23, quando o boi tem ‘licença’ para se apresentar. Apesar de ser considerado um ritual que remete ao paganismo, a cerimônia de batismo do boi congrega aspectos dos rituais cristãos, especialmente do catolicismo, com padrinhos e madrinhas, entoando-se rezas e ladainhas.

Muitas vezes há também a presença de um padre católico que reza a missa e salpica água benta nos presentes e no altar. Viana (2006) comenta acerca do uso da água

---

<sup>8</sup> A barra ou saia serve para esconder a pessoa que brinca embaixo do boi e que é responsável por este realizar inúmeras evoluções no terreiro onde se apresenta. A mesma também guarda o segredo do novo bordado que somente é mostrado após o batizado.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

benta, enquanto forma de purificar e renovar pessoas e objetos, livrando-os do pecado, o que explica o uso de tal água em muitos rituais religiosos, especialmente os cristãos.

Após a cerimônia realizada pelo padre, a rezadeira inicia a ladainha, rezando o terço e os benditos, acompanhada por uma pequena orquestra de músicos. O clima é de forte devoção e religiosidade, havendo aqueles que durante a cerimônia seguram nas mãos, velas acesas. Cada padrinho, pega o ramo de mato, molha-o na água do copo, faz no ar o sinal da cruz, enquanto recita as palavras que fazem parte do ritual.

Chamam a atenção no ritual de batismo do boi, as seguintes palavras, geralmente proferidas pelos padrinhos: “União da Vila São João<sup>9</sup> (qualquer que seja o nome do boi), eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Eu te batizo pela tua formosura. Não te dou os santos óleos porque não és criatura”. Imediatamente o boi é descoberto, mostrando toda beleza e brilho para a platéia, sendo bastante aplaudido. Ressalta-se que a cada ano o boi recebe um nome diferente, bordado em seu couro e conhecido do público apenas quando os panos que o recobrem antes do batismo são abaixados. Após a cerimônia, todos se confraternizam comendo, bebendo e brincando boi até o raiar do dia.

Outro aspecto da religiosidade se traduz na ida dos grupos de bumba-meu-boi às igrejas em 24 de junho, dia de São João, o que acontecia até bem pouco tempo, de forma mais contundente na Igreja São João, localizada no centro da capital maranhense, rito este que segundo Carvalho (1995, p. 40) foi proibido pelos padres, sendo considerado desrespeito.

A ida, porém, à Capela de São Pedro, localizada no largo de São Pedro, no bairro da Madre Deus, também em São Luís ainda é um ritual que continua a acontecer e por essa razão a maioria dos grupos de bumba-meu-boi, de todos os sotaques costumam visitar a capela ou nela amanhecer no dia em que o santo é reverenciado, 30 de junho.

A subida da Capela de São Pedro, além de uma tradição, constitui-se uma forma de penitência, pois a mesma fica no alto e subir seus vários degraus, com o peso das indumentárias ou mesmo do boi constitui-se um sacrifício, realizado em nome do

---

<sup>9</sup> “União da Vila São João” é o nome de um dos bois que compõem o rebanho do Bumba-meu-boi da Fé em Deus.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

santo. Muitos fiéis, como forma de impingir maior pena ao ritual, sobem os degraus de joelhos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A religiosidade se faz presente em praticamente todas as ações dos seres humanos. No âmbito da religiosidade os eventos se caracterizam como sagrados e profanos, havendo aos olhos da sociedade uma hierarquização entre uns e outros.

As pessoas buscam codificar e decodificar determinados eventos ditos profanos, buscando sua sacralização, a fim de dar sentido às ações do cotidiano, buscando também, uma espécie de aceitação de si e de tais eventos.

Entre os eventos ditos profanos está o bumba-meu-boi, o qual sempre buscou uma aceitabilidade, associando-se a determinados ritos religiosos a fim de justificar sua existência e que em decorrência de sua ligação com tais ritos, possui um viés com o sagrado, ao ser colocado na condição de vítima ou de sacrificado, o que acontece no âmbito de seu ciclo.

O batismo do boi é uma forma de buscar-se a sacralização do profano, ao mesmo tempo em que se constitui um rito de passagem para que a brincadeira possa sair, com a bênção dos encantados e dos santos católicos.

O catolicismo que se apresenta no contexto das festas do bumba-meu-boi é um catolicismo popular, que dialoga com outras religiões por meio do sincretismo e se manifesta de diferentes formas.

Compreender os aspectos religiosos, muitas vezes buscados empiricamente por seus atores sociais para justificar determinados rituais como, por exemplo, o batizado do boi é buscar uma justificativa que ratifique tais práticas, verificando-se em que medida a religião está intrínseca a estes rituais e de que modo certas práticas originalmente profanas são sacralizadas.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Maria Michol Pinho de. **O Bumba-meu-boi no Maranhão.**

Superintendência de Cultura Popular do Maranhão, 2006. Disponível em:

<<http://www.culturapopular.ma.gov.br>

\_\_\_\_\_. **Matracas que desafiam o tempo: é o Bumba-Boi do Maranhão.** São Luís: SIOGE, 1995.

CUNHA, Ana Stela de A. (2008)- “**Si to lo nfumbe ta sere sere: traços de línguas crioulas em mambos e mpuyas em Palo Monte (Cuba)**”. *Africana Studia*, Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, n. 11.

FERREIRA, Carla Georgea Silva; SILVA, Carlos Benedito Rodrigues. **Festejar com fé: o bumba-meu-boi maranhense uma cumplicidade com São João.** Trabalho apresentado no V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil. Salvador – Bahia, 30 de setembro a 03 de outubro de 2008.

FERRETTI, MUNDICARMO. **Encantados e encantarias no folclore brasileiro.** Trabalho apresentado no VI Seminário de ações integradas em Folclore. São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_, Sérgio. **O sincretismo afro brasileiro e resistência cultural.** Trabalho apresentado na Mesa Redonda Reafricanização e Sincretismo no V. Congresso Afro-Brasileiro realizado em Salvador entre 17 e 22 de agosto de 1997.

LIMA, Carlos de. **Boi de Zabumba.** Comissão Maranhense de Folclore. Boletim nº 5. São Luis, 1996.

PÊCHEUX, M. (1969). **Análise automática do discurso (AAD-69).** In: GADET & HAK (org.). **Por uma análise automática do discurso.** 3ª ed., Campinas: Ed. Da Unicamp, 1997.

PRANDI, Reginaldo. **Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados.** Rio de Janeiro/RJ, Pallas, 2001.

MARQUES, Francisca Ester de Sá. **Mídia e experiência estética na cultura popular: o caso do bumba-meu-boi.** São Luís: Imprensa Universitária, 1999.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

SANCHES, Abmalena. (2003). **É de fé e devoção o brinquedo da ilha: a religiosidade no bumba-meu-boi**. Boletim n. 26 da Comissão Maranhense de Folclore. Disponível em: <http://www.cmfolclore.ufma.br/x/boletim26.pdf>

VIANA, Raimundo Nonato Assunção. **O bumba-meu-boi como fenômeno estético**. Tese de doutorado em educação. RN, 2006.